



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de assinatura de convênios**

**Palácio da Liberdade – Belo Horizonte-MG, 18 de março de 2004**

Excelentíssimo governador do estado de Minas Gerais, Aécio Neves,  
Excelentíssimo prefeito de Belo Horizonte, Fernando da Mata Pimentel,  
Meu caro companheiro ministro de Estado Patrus Ananias,  
Meu caro companheiro Ciro Gomes,  
Meu caro Luiz Furlan,  
Meu caro Walfrido Mares Guia,  
Meu companheiro Luiz Dulci,  
Meu caro Clésio Andrade, vice-governador de Minas Gerais,  
Meus queridos deputados e deputadas estaduais e deputados federais  
aqui presentes,  
Secretários de Estado e secretárias,  
Meus amigos e minhas amigas,

O que nós presenciamos, aqui, na assinatura desses acordos entre o  
Governo Federal, através do ministro do Turismo e do presidente da Infraero  
com o governador de Minas Gerais e com o prefeito de Belo Horizonte, é uma  
prática política que precisa existir, independentemente das possíveis  
divergências políticas entre os administradores públicos brasileiros.

Até porque os investimentos públicos, feito por pessoas honestas, não  
são dirigidos para beneficiar os governantes, mas para beneficiar a população  
da cidade e do estado que venham a receber o benefício.

Eu acho que tudo o que nós fizemos por Minas Gerais é pouco, pelo  
que todos nós, brasileiros, devemos a Minas. A importância econômica de  
Minas, a importância cultural e, sobretudo, o que Minas representou para a



nossa independência política, merece que todo e qualquer governante que esteja no Palácio do Planalto olhe para Minas Gerais com carinho especial por um estado que sempre terá muito a receber do Governo Federal.

Minas Gerais não pode e não deve, pela sua importância política, ser tratado como um estado qualquer, como um estado sem importância. Muitas vezes, uma divergência, mesmo que conceitual, ou uma divergência em função de uma tese qualquer, pode fazer com que um presidente da República não faça acordos com Minas Gerais ou que um governador não queira fazer acordo com o presidente da República. E esse procedimento, na verdade, faz com que quem saia perdendo seja o povo de Minas.

E nós, aqui, estamos dando apenas uma demonstração de que não custa nada e é muito importante para o Brasil fazermos política da forma mais civilizada possível que um ser humano possa fazer. Até porque divergências existem dentro das nossas famílias, entre os nossos filhos, entre os torcedores de futebol. Não poderia deixar de ser diferente na política.

Agora, divergências à parte, nós não fomos eleitos para divergir, nós fomos eleitos para governar. E o mandato é de apenas quatro anos, e nem governador, nem prefeito, nem presidente da República tem tempo de brincar. Nós temos é que trabalhar o máximo possível, com a maior seriedade para que, no final do mandato, possamos colher os melhores frutos possíveis.

Eu penso que é isso que norteia a cabeça do governador Aécio Neves e do prefeito Pimentel. E, aqui, eu quero retribuir os elogios, porque eu tenho tido, do governador de Minas Gerais, um apoio mais que político, eu tenho tido um apoio de companheiro, um apoio de irmão, em todos os momentos.

Está certo que ele sempre consegue organizar os governadores para tirar um pouco de dinheiro da União. E nós, de forma muito carinhosa, como uma mãe, quando o filho pede um dinheiro para sair à noite e ela diz que não tem, mas, depois, termina cedendo e dá um pouquinho, porque qual é a mãe ou o pai que não quer ver os seus filhos felizes?



Então, o que nós fizemos ontem, no Congresso Nacional, foi uma demonstração que já tínhamos feito na Constituição de 88, quando possivelmente tenhamos feito a mais democrática Constituição do ponto de vista da distribuição do bolo da arrecadação da União, fortalecendo municípios e estados. E quando você dá mais um pouco para o estado, nas perspectiva de que cuide da sua malha viária, na verdade não estamos fazendo nenhum favor, mas apenas facilitando para que o dinheiro chegue mais rapidamente ao seu endereço final. E o que nós temos que fazer daqui para frente é trabalhar junto com os governadores, para que não só o dinheiro chegue rapidamente, mas que as obras saiam ainda mais rapidamente ou tão rápido quanto a chegada do dinheiro.

Quero dizer para vocês que, além desses protocolos, desses convênios, o governador Aécio Neve, outro dia, numa viagem que fizemos aqui, em Minas Gerais, me dizia da importância que teria para Minas o aeroporto Carlos Prates, se a União pudesse fazer concessão para que o estado fizesse ali um centro de administração da envergadura do estado. Já conversei também com o presidente da Infraero, Carlos Wilson, e eu quero dizer ao governador Aécio que nós não mediremos esforços legais para fazer a concessão, para que Minas tenha um centro administrativo à altura da importância política e econômica do estado.

E, para terminar, eu queria dizer aos secretários e aos empresários aqui convidados: eu sou um vendedor de otimismo exagerado. E eu queria dizer aos empresários, aos secretários e aos políticos que, mesmo quando vocês estiverem naquele dia de pessimismo, os cruzeirenses magoados, porque o Cruzeiro perdeu, ou os atleticanos magoados, porque o Atlético perdeu, ou os torcedores do América magoados, porque o América perdeu – eu só conheço o Dulci com torcedor do América, aqui, em Minas Gerais – eu quero dizer que, mesmo quando vocês acordarem com esse pessimismo todo, não percam nunca a esperança, porque para mim é certo que o crescimento da economia



brasileira é irreversível no ano de 2004, no ano de 2005, no ano de 2006. Porque o que estamos fazendo é para que a economia brasileira tenha um crescimento com sustentabilidade e mais duradouro.

Nós, quando tomamos posse, tivemos a iniciativa de não fazer nenhum plano econômico daqueles que todo mundo gosta de fazer: o plano Lula, o plano Palocci, o plano Ciro Gomes ou o plano Furlan. Não. Nós entendemos que o plano que nós temos que fazer é reconquistar a seriedade e a credibilidade que um país do tamanho do Brasil jamais deverá perder na sua relação com outros países e, sobretudo, nas relações com a economia estrangeira e a economia interna.

Ontem eu disse, lá em Pernambuco, e queria repetir aqui: não há empresário neste país que tenha um projeto para a implantação de algum pólo de desenvolvimento, para gerar empregos e riqueza, que precise de financiamento, para o qual seja negado o financiamento. Eu vou repetir: dinheiro existe para fazer financiamento. Eu só espero que este ano as pessoas não fiquem reclamando muito e apresentem os seus projetos ao BNDES, porque o BNDES está ávido para emprestar dinheiro para o crescimento econômico deste país.

Agora, os projetos têm que ter duas coisas básicas: primeiro, o projeto tem que ser altamente viável; segundo, tem que levar em conta os cuidados que nós temos que ter, sobretudo, na questão ambiental.

Porque, quando nós tomamos posse nós tínhamos, no Brasil, 35 hidrelétricas paralisadas, por conta de problemas, ou no Tribunal de Contas ou no Ministério Público ou no ministério do Meio Ambiente. Dezesete delas já foram reativadas, entre junho e novembro e, agora, queremos, até o meio deste ano, reativar a construção das outras 18 que estavam paralisadas desde 2001.

Porque nós sabemos que o crescimento que nós queremos para o Brasil precisa de muita energia. E muita energia significa fazermos o que tem que ser



feito no Brasil, tanto na energia produzida pela hidrelétricas como pelas termoelétricas que nós ainda temos que fazer funcionar e por muitas que já estão prontas, no Nordeste, onde ainda não chegou o gás.

De forma que o desafio está colocado. Ontem eu disse que o Brasil tem mais de 110 bilhões de reais para financiamento. A Caixa Econômica tem muito dinheiro para financiar habitação. Nós tomamos uma medida muito séria para o setor imobiliário não ficar mais preocupado em fazer casa para a população e para que os banqueiros tenham instrumentos para ganhar dinheiro sem que seja a compra de títulos do governo brasileiro, mas investir em habitação, dando maior garantia ao consumidor e, também, dando garantia ao construtor. Vocês acompanharam a medida. É uma novidade excepcional, que pode ativar, de forma extraordinária, o setor imobiliário brasileiro.

A Caixa Econômica tem muito dinheiro, e nós temos certeza que se nos dirigirmos para públicos determinados, o governador Aécio Neves e o prefeito Pimentel podem fazer um grande acordo com a Caixa Econômica Federal para que seja financiada habitação para os funcionários públicos, tanto estaduais quanto federais, para desconto em folha, sem nenhum problema.

Da mesma forma que poderemos dirigir projetos habitacionais para a polícia militar, já que estamos assistindo na televisão um policial levando a sua farda escondida numa sacola, para que os bandidos não saibam onde mora. Então, também não vamos construir um conjunto todinho só para a polícia, porque aí os bandidos os cercam e eles vão ficar numa situação difícil. Mas poderemos criar uma espécie de carta de crédito, para que eles possam comprar ou construir as suas casas onde bem entenderem.

Então, a verdade é que nós temos o dinheiro. E eu vou repetir uma coisa que eu dizia o ano passado: quem faz a economia crescer não é apenas a quantidade de dinheiro, são os bons projetos. Se nós tivermos bons projetos não faltará dinheiro.

E vocês sabem que se a nossa exportação continuar crescendo como



está crescendo, certamente ultrapassaremos os 80 bilhões de dólares este ano, quem sabe chegaremos a 85 ou 86 bilhões. Estamos muito perto de chegar aos 100 bilhões de dólares, e vamos chegar a isso até o final do nosso mandato, meu caro governador Aécio Neves – o do Pimentel termina este ano. Mas nós vamos ter que arrumar o Brasil, porque nós temos uns gargalos nos nossos corredores que são muito delicados.

Nós tomamos a decisão de terminar, com uma certa urgência, a Fernão Dias. Tomamos uma decisão de terminar, com uma certa urgência, a BR-116. Estaremos, amanhã, numa reunião de infra-estrutura, para desobstruir todos os gargalos que estão impedindo determinadas obras acontecerem. E, sobretudo, a questão da ferrovia, que nós precisamos fazer voltar a funcionar com um pouco mais de rapidez, para baratear o custo daquilo que exportamos.

De forma que o jogo, na minha opinião, está mais ou menos como o jogo do Cruzeiro, ontem. O jogo está para ser ganho. E, aí, há uma outra coisa que eu queria dizer aos empresários. Eu acho que, muitas vezes, com ou sem razão, os empresários brasileiros ficam reivindicando juros. Eu acho que todo mundo sabe, aqui, porque que os juros no Brasil são altos, todos aqui têm conhecimento de porquê o juro é alto. O juro, ele será mais alto quanto menos credibilidade tiver o país para com os seus investidores ou seus credores. No que a gente atingir a credibilidade que entendemos que um país tem que ter, os nossos juros serão mais baratos, nós iremos controlar a inflação e a economia brasileira vai voltar a crescer muito mais rapidamente.

Então, eu acho que é importante nós termos em conta o seguinte: ao invés de ficarmos reclamando aquilo que nós não temos, por que não utilizarmos todas as nossas energias positivas para fazer aquilo que podemos? E nós podemos fazer muitas coisas.

Imaginem vocês se o agronegócio tivesse ficado chorando nesses últimos anos? Imaginem vocês se nós não tivéssemos acreditado que as exportações brasileiras poderiam ser um caminho para que construíssemos um



superávit comercial extraordinário, como fizemos ano passado?

Então, o desafio que está sendo colocado para vocês é o seguinte: quem tiver projeto, pode ter a certeza que terá dinheiro. E quem tiver projeto, poderá concretizar esse projeto, porque o Governo irá fazer o que tiver ao seu alcance para que os bons projetos, geradores de riquezas e de empregos neste país, sejam aprovados o mais rapidamente para que a gente possa ver as fábricas brasileiras voltarem a funcionar em sua capacidade total e absoluta.

Portanto, meu caro Aécio, mais uma vez muito obrigado a você, ao Pimentel e aos mineiros pelo carinho dedicado a mim e ao meu Governo. Vocês perceberam que a relação do Aécio com os ministros é quase uma confraria, de tão amigos que eles são. Por isso ele consegue tanta coisa para Minas Gerais.

Eu acho que nós temos muito o que fazer. E este gesto de hoje me dá alegria, porque demonstra o seguinte: que se nós quisermos trabalhar pensando no Brasil, não há fronteira ideológica, não há fronteira partidária, não há fronteira de preconceito que evite que a gente repita centenas de vezes gestos como esses que foram feitos aqui.

Muito obrigado a vocês